

# O Progresso Catholico

.... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Salvação*, por A.; *O ultimo livro do Sr. Lino d'Assumpção*, por A. A.—Secção Religiosa: *Pensamentos christãos*. —Secção historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 72.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Os acontecimentos do Joazeiro*.—Secção Critica: *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *Ave-Maria*, por D. José Maria da Piedade e Lencastre.—Secção de Communicados, por Um observador.—Retrospecto, por D.

**Gravuras:** *Uma belleza do ceeste imperio; Delicto dos frades.*



UMA BELLEZA DO CEESTE IMPERIO

*Subscrição em favor das Irmãs Hospitaleiras para defeza da Irmã Collecta*

Transporte do n.º 3.....	32,580
Um anonymo.....	5200
Outro anonymo.....	5400
Adrião dos Santos.....	5300
Um sacerdote.....	5200
Joaquim Maximino de Souza Dias.....	5200
Somma.....	33,5880

## Salvação

**J**AZ gravemente enfermo o nosso malfadado paiz. Sentem-se innumeros symptomas que assustam os homens de maior coragem e inquietam ainda aquellos que se distinguem por uma phenomenal placidez. Perante uma doença que pode ser fatal, que pode trazer a morte acompanhada das tetricas commoções que lhe formam sequito, raro haverá quem permaneça indifferente.

D'ahi as vozes lamentosas erguidas na sombria camara onde vemos agonisar o desditoso padecente, vozes concertadas, incoherentes, extemporaneas, sem utilidade nenhuma pratica. De quando em quando ouve-se uma phrase salvadora, mas essa phrase é de lanço abafada pela celeuma horripilante que enche céos e terra. Essa voz é a que parte da Igreja, avisando a necessidade dos sacramentos para salvação do moribundo; essa voz prega moralidade, por que a ausencia d'ella é a causa primordial da situação angustiosa em que nos encontramos, e na moralidade achar-se-ia o respeito a Deus, a abnegação, o desinteresse, o sacrificio; essa voz quer a guarda dos domingos e dias santificados, pela assistencia á missa, o feriado das tabernas, os passatempos honestos e dignos; essa voz quer a lei da abstinencia e do jejum, do acatamento ao clero, da homenagem a toda a auctoridade legitimamente constituida; essa voz exige a suppressão das devassidões, a eliminção do jogo, o ostracismo do luxo, a destruição dos theatros, a successão do dever ao imperio do prazer, ao qual nos cumpre attribuir a enorme desdita em que nos vemos.

Haverá porém coragem para isto? Governantes e governados, poderosos e humildes, sabios e ignorantes, achar-se-ão dispostos a pospor o bem geral, que por tanto o é de cada um, ao egoismo estolido, ás iniquas paixões pessoases, que não obteem satisfação possivel sem damno grave dos direitos alheios? Haverá vontade firme para abandonar o lethargo em que nos per-

demos e por decididamente o peito ao cumprimento dos preceitos divinos, sociaes, domesticos e individuaes?

Por detraz de tantos males um avultado sobremaneira assustador, que lança na tela do futuro, e d'um futuro proximo, uma sombra enorme, propria a levar o susto a todos os animos. Este mal é a fome, impavidamente domiciliada na habitação do pobre. Uma classe numerosissima vê-se na hora presente a braços com difficuldades de toda a sorte: outr'ora, essa classe, ensinada pelos sacerdotes no templo, sabia evitar os vicios e presava as virtudes, nas quaes se levantava forte para supperar os acontecimentos que porventura a aggreddissem. Hoje, apartada de seus legitimos guias, desorientada por amigos falsos, sem principios de pura doutrina que inspirem esperança nas marés de perigo, quem dirá os temporaes desabridos que virão desencadear-se no seio agitado das multidões?

Meditando ácerca de tam notavel assumpto dizia ha pouco um erudito prelado da nação vizinha: «Como carecem de razão de ser as utopias especiosas dos que aparentam affecto ao pobre, infundindo-lhe idéas de orgulho e esolberbecimento contra o rico? No estado em que nos vemos, sentimo'-nos preocupado pelo futuro em dias não distantes, se o mundo não retrocede franca e lealmente na vereda da perdição por onde caminha ha tanto.»

O luxo dos poderosos, elevado a grau jámais visto, convertendo a burguesia em fidalgos e a nobreza em principes, tem sido fatal exemplo ás classes baixas, que d'elle se deixaram influir, caminhando levemente após da gloria vã de figurar, por uma estrada de necessidades creadas, susceptiveis, talvez, de serem sustentadas em tempos prosperos ou ainda normaes, difficilimas todavia quando na economia domestica uma crise inesperada viesse desequilibrar a receita e a despesa.

N'este assumpto, sem custo se avança, mas só com a abnegação das almas fortes é que pode sustentar-se uma retirada honrosa.

E as almas fortes raréam.

O encarar-se o futuro com destemor não quadra aos sybaritas da epocha presente. Saboreou-se o goso, não se quer a arida realidade da vida: deu-se o innervamento na bonança, não ha decisão agora para a faina que se apresenta.

A este momentoso problema dá por-rém a Igreja satisfatoria solução: aconselha o sacrificio e dá efficaz exemplo para o arrostar. O Pontifice romano, preso, insultado, lesado em seus mais sagrados direitos, posto em privações

de toda a sorte por uns filhos ingratos, que alçaram mão sacrilega expoliando-o de seu augusto patrimonio vinte vezes secular, é typo admiravel de resignação, de coragem, de heroicidade portentosa, sendo o unico a alçar nobremente a frente, orlada de cans, entre uma longa serie de principes des-thronados. Elle só assenta-se ainda tranquillo no solio de seus antecessores, modelo a quantos possam sentir inclinar a frente aos vendavaes furiosos da revolução suscitada pela impiedade. Na provação, aprendamos com o nosso venerando chefe, que sabe soffrer mas não fraquear. A este nobilissimo exemplar terreno ajuncta a Igreja outro por igual admiravel nas phalanges dos heroes do céo: o patriarcha S. José, é lição viva, posta deante dos olhos dos que soffrem, dos que trabalham, não conhecendo outros recursos que a con-fiança illimitada na Providencia divina. Como elle venceu, hão de vencer tambem todos os que n'elle sabem esperar e primam em imital-o.

Todavia, os nossos grandes homens de Estado, incumbidos de estudar a questão social, não tem lembrado, nem por certo lembrarão tam cedo, este elemento valiosissimo, talvez indispensavel, da salvação da patria. Positivistas, emancipam a humanidade do temor de Deus, crendo que não existe, ou, se existe, que se não intromette no percurso dos acontecimentos mundiaes.

Bem podemos pois concluir que não serão ainda os homens do poder aquellos que a Providencia escolha para salvação da nacionalidade portugueza, e, não a salvando, mais tarde ou mais cedo revelarão quanto lhe são damnosos.

Um futuro proximo dirá quanto nos enganamos.

A.

## O ultimo livro do Snr. Lino d'Assumpção

(Continuado do n.º 4)

**P**RIMEIRO casamento teve-o ajustado D. Sebastião com a archiduzesza Isabel d'Austria. Este casamento, porém, não chegou a realisar-se, porque a politica europeá, então representada por Maximiliano II, Philippe II e Carlos IX, destinou a archiduzesza para esposa do rei de França.

E Philippe II, se por um lado contrariava tão rudemente as aspirações do rei portuguez, aconselhava-o por outro a que se unisse pelos vinculos matrimoniaes a Margarida de Valois,

irmã do rei de França, que mais tarde foi esposa de Henrique IV, o famigerado tronco da illustre dynastia bourbonica. D. Sebastião, visivelmente desconsiderado pela politica ambiciosa do rei de Hespanha, repelliu desdenhosamente a proposta que não deixava de ser bem vista por Carlos IX; e, procedendo assim, o rei portuguez não fez mais que respeitar os mais rudimentares principios da dignidade humana.

O procedimento de D. Sebastião affigura-se nos naturalissimo; que nem os monarchas portuguezes de então toleravam taes affrontas á sua dignidade, affrontas que feriam a dignidade da nação inteira.

Que obriga pois, a recorrer a pretendidas influencias *jesuiticas* (1), e nomeadamente do illustre Padre Luiz Gonçalves da Camara, a fim de dar razão da naturalissima recusa do Rei portuguez á proposta do rei de Hespanha? Evidentemente só as ideias preconcebidas com que muitos, incluindo o Sr. Lino, escrevem a historia. (2) E o mesmo D. Sebastião, em quem o zelo da causa catholica ia de par com o espirito da justa dignidade real, poz de parte resentimentos quando se tratou de entrar com Carlos IX na cruzada contra os turcos que, com ter o seu poderio recebido golpe profundissimo na memoravel victoria de Lepanto, ousavam ainda ameaçar a christandade.

O rei de Portugal, a fim de resolver Carlos IX a entrar com coragem e entusiasmo, de que aliás era incapaz, na cruzada, declara-se prompto a aceitar a mão de Margarida de Valois, desistindo até do dote que devêra ser de quatrocentos mil cruzados.

Infelizmente era tardia a resolução de D. Sebastião; pois, quando o Cardeal Alexandrino communicou ao rei de França as recentes disposições de

D. Sebastião, já Margarida era noiva de Henrique de Navarra.

Tinha D. Sebastião, quando estes acontecimentos se davam, os seus dezoito annos; e, em nosso parecer, que talvez nem n'isto estejamos d'accordo com o do *sabio* Lino, o mancebo que aos dezoito annos teve dois casamentos ajustados, embora, por circumstancias extranhas á vontade, não viesse nenhum a realizar-se, não é um adversario acirrado e intransigente do setimo sacramento!

Os jesuitas pois, snr. Lino, se tinham influencia no animo do rei portuguez, não se valeram d'ella para o desviar d'um estado que razões de grandissimo momento aconselhavam. Os factos — que não declamações vagas, por tão repetidas tornadas ensossos logares communs — demonstram exactamente o contrario de quanto afirma o *consciençioso* ex redactor do «Dia».

Era a vontade da Providencia quem negava ao throno portuguez, então occupado por um mancebo tão sympathico como esperançoso, um successor. A estrellada da patria havia attingido o zenith da gloria: que lhe restava? Pender para o occaso e velar-se nos crepes que amortalharam a patria exanime em Alcacer-Quibir.

Todos desejavam successor para o throno: desejava-o D. Sebastião como todos os seus conselheiros e confidentes; negava-lh'o porém a mão sapientissima da Providencia, cujos decretos se adoram respeitosamente e se não prescrutam com petulancia.

Em que peze ao Sr. Assumpção e aos da eschola, talvez ninguem procurasse dissuadir com tanto ardôr ao moço rei de emprehndimentos militares — em que a segurança da sua pessoa corria grave risco, como o *sabio* (1) Luiz Gonçalves da Camara.

E' que nem só se aconselha em discursos eloquentes ou em epistolas moldadas nos exemplares ciceronianos; dão se tambem conselhos, e de grande proveito, de viva voz e em linguagem pouco cuidada: uns podem interessar tão sómente á litteratura, que á historia, quando escripta com consciencia, interessam todos.

Havia D. Sebastião resolvido passar a Africa a combater os inimigos da fé, logo que reconheceu a impossibilidade de attrahir os principes christãos a uma acção commum contra os turcos, inimigos, ainda ameaçadores da Europa christã. Ao rei portuguez, soldado

(1) «O diplomata veneziano (Tiepolo) elogia-o (o Padre Camara) pela sciencia theologica, e pela austeridade da vida religiosa no centro das delicias da côrte».

Rebello da Silva. *Historia de Portugal* nos seculos XVII e XVIII, tom. 1.º, pag. 53.

tão generoso como destemido, não soffria o animo a inactividade, que julgava crime, quando se tratava da victoria ou da derrota da fé de Christo.

«Demoveu-o d'esse proposito o proprio Luiz Gonçalves da Camara, advertindo-o de que não devia sahir do reino, principalmente para facções militares, sem ter segura a successão da corôa, e de que nada devia emprender de leve sem ter prevenido bem todas as eventualidades, e sem haver preparado com tempo tudo o necessario.» (1)

Eis as palavras repassadas de prudencia com que Gonçalves da Camara procura conter o fogo d'aquelle coração tão generoso, fadado para aventuras perigosas; e, d'esta vez, conseguiu-o, que D. Sebastião pôz de parte o projecto, attendendo aos conselhos do confessor.

Em 1574 emprehende D. Sebastião a primeira viagem a Africa, contra o conselho da rainha D. Catharina e do Cardeal Infante, bem como contra o sentir manifesto do Padre Luiz Gonçalves da Camara, que em vão procurou dissuadi-lo de realizar os seus intentos.

Felizmente não foi longa a ausencia do rei, que as supplicas tão sentidas que lhe foram dirigidas pelas pessoas de maior respeitabilidade e veneração da côrte, entre as quaes figura uma eloquentissima de D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, no Algarve, fizeram pezo no animo de D. Sebastião. Estava com effeito de volta em Lisboa a 2 de novembro de 1574, depois de uma ausencia de dois mezes e meio.

O Padre Luiz Gonçalves falleceu poucos mezes depois do regresso de el-rei, perdendo n'elle o soberano um conselheiro prudente e experimentado, e a Companhia um dos seus mais prestantes membros. Pois, digam o que quizerem os calumniadores da memoria do Padre Camara, ou melhor os inimigos da Companhia, o confessor de D. Sebastião, como nos attestam testemunhas insuspeitas, empregou toda a influencia de que dispunha no animo do soberano, a fim de o demover de projectos bellicosos, em que a segurança da sua pessoa corria grave perigo, com risco da successão: os seus esforços foram constantes, embora não fossem sempre efficazes.

Do desastre de Alcacer-Quibir, esperamos da *nunca desmentida boa vontade do Snr. Lino para com os filhos de Santo Ignacio*, que não queira fazer responsavel a memoria do pobre jesuita. Ou quererá? O Padre Gonçalves da

(1) *Historia de Portugal*, segundo o plano de Ferdinand Diniz por uma sociedade de homens de letras. T. IV pag. 306.

(1) «Catharine fingiu adherir ás ideias de seu filho, (Charles IX), ella propria apressa o casamento de Margarite com Henri de Bearn, de maneira que quando os legados de Roma chegavam com o sim de D. Sebastião de Portugal, esse sim tão difficil de alcançar ao discipulo dos jesuitas, já encontraram Margot noiva de Henriot.» Lealdade historica... até alli. O Snr. Lino na sua ingenuidade não attinge uma explicação para a resolução tardia do rei portuguez se não... nas confidencias dos jesuitas ou nos ensinamentos dos mestres...

(2) «Esta sem-ceremonia (a de Philippe II) indispôz altamente o altivo D. Sebastião, que, de mais a mais, pouco inclinado ao matrimonio, aproveitou o ensejo para recusar absolutamente a noiva que lhe offereciam ou qualquer outra, resolução em que o confirmou Luiz Gonçalves da Camara, receioso de que uma esposa como Margarida... conseguisse enfim domar a indole rebelde de D. Sebastião e subtrahil-o assim á sua influencia».

*Hist. de Port.*, já citada, pag. 303.

Camara falleceu, como é sabido, em março de 1575 e a infausta batalha de Alcacer-Quibir travou-se, annos depois, em agosto de 1578; todavia, snr. Lino, *amica veritas, sed magis amicus Plato...*

Se a historia pode imputar a alguém graves responsabilidades, a respeito da infelicissima jornada de Alcacer-Quibir, não é, com certeza, sobre os illustres filhos da benemerita Companhia de Jesus que ellas impendem. Sabido é por quantos lêem a historia patria que D. Sebastião, sempre apaixonado pelas glorias militares, durante a sua primeira viagem á Africa se deixou sobremaneira captivar por alguns fidalgos, jovens ainda, cujos sós appellidos encerravam recordações de proezas memorandas, capazes de fazer inveja ás mais celebradas de Grecia e Roma. Es ses fidalgos eram: D. Alvaro de Castro, filho mais velho de D. João de Castro, o mancebo que tanto se havia illustrado na India sob as vistas de seu pae, Christovão de Tavora, um soldado valente até á temeridade e Luiz da Silva.

Parece fóra de duvida que a convivencia com estes fidalgos ateou ainda mais no coração de D. Sebastião a paixão dominante pelas glorias e triumphos militares. Christovão de Tavora, sobretudo, esperava anciosamente o ensejo de mostrar todo o esforço do seu valor ardente.

D. Alvaro de Castro, o homem verdadeiramente preponderante no animo do rei, morreu de morte prematura em 1577, deixando, attentos os vastos recursos da sua intelligencia e auctoridade incontestavel do seu nome glorioso, um vacuo enorme nos conselhos da corôa.

Desde então D. Sebastião arrebatado pelo desejo de arvorar victoriosa sobre os escombros do imperio de Marrocos a bandeira da Cruz, que outr'ora havia fugido vencida e vilipendiada das margens do Guadalete, e, por outro lado, sonhando louros e victorias que, ainda mal! nunca haviam de cingir a sua frente juvenil, resolve dispor as cousas, de accordo com o seu principal ministro Pedro d'Alcaçova, para a resolução expedição. Procura mesmo attrahir Philippe II a uma alliança contra os inimigos communs da Hespanha christã, pedindo-lhe em casamento a filha Isabel Clara Eugenia. (Terceiro... , snr. Lino).

Desde então D. Sebastião com uma audacia que orçava pela temeridade e com uma perseverança e ardor dignos de melhor sorte, desprezando os conselhos mais auctorizados, *todos accordes em reprovar a expedição intentada, parte, acompanhado das esperanças da nação, em procura de louros e*

victorias para afinal não encontrar sequer um ramo de cyreste que fique indicando ás gerações o tumulto ignorado d'elle e da patria, cuja ruina foi.

D'esse immenso desastre, porém, será alguém capaz de tornar responsaveis os Padres da Companhia (1) que, como todos os conselheiros leaes e amigos do rei não poderam deixar de condemnar a expedição? Se não conseguiram os seus intentos, tambem os não conseguiram as lagrimas da rainha D. Catharina, morta em fevereiro de 1578, angustiada por terriveis presentimentos, a auctoridade do Cardeal Infante, a opinião unanime do conselho de Estado, as palavras do heroe de Diu, D. João de Mascarenhas, uma reliquia veneranda das nossas glorias, os conselhos do duque d'Alba, o velho guerreiro encanecido nos campos da batalha, etc.; se a tudo o temerario moço foi insensível, como o não seria tambem ás supplicas dos PP. da Companhia?

Concluindo: os jesuitas

a) procuraram por todos os meios ao seu alcance retirar a D. Sebastião de aventuras militares, ao menos em quanto a successão do throno não estivesse garantida;

b) não o retiraram, como o Snr. Lino d'Assumpção mentirosamente quer inculcar, do estado matrimonial.

Paredes, 25—2—92.

(Continua)

A. A.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Pensamentos christãos

O esmoler está seguro de não empobrecer. (*Prov. XXVIII*).

As riquezas do esmoler multiplicam-se dia a dia (*Psalms. IV*).

O esmoler vive feliz, porque na sua casa chovem as benções do céo. (*Psalms. XL*).

Deus recompensa ao esmoler qualquer insignificancia que elle dê aos pobres. (*Marc. IX*).

O esmoler livra-se dos castigos imminentes e de toda a calamidade. (*Tob. IV*).

A esmola conserva a saude e a alegria a vida. (*Isai. XXXVIII*).

O esmoler é o negociante mais sabio e mais afortunado d'este mundo. (*Eccl. XIX*).

Quanto o esmoler faz e dá ao pobre o faz e dá a Christo. (*Matth.*).

(1) Em Portugal e fóra d'elle só se fazia o que os jesuitas ordenavam. O documento que acabamos de publicar seria ainda uma prova d'essa influencia, se os actos de todo (só...) o reinado do infeliz allusinado a não proclamassem sem reboço.

O esmoler alcança de Deus todas as graças. (*Eccl. XXIX*).

Mais util é a caridade ao que a faz que áquelle que a recebe. (*S. João Christost.*)

Um grão de caridade basta para calmar muitas inquietações e socegar muitos sobresaltos. (*S. Vicente de Paulo*).

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

72.º

CLXVII

#### P. Maximiliano Hell

Quem não conhece este eminente astrônomo, elogiado pelo mesmo Lalande, famoso atheu, e que por outro lado era seu adversario? Não menos piedoso que sabio, este jesuita immortalizou o seu nome nas mathematicas.

Maximiliano Hell nasceu na Hungria a 15 de maio de 1720. Entrou ainda joven na Companhia de Jesus, e em pouco tempo fez progressos nas sciencias, revelando um genio superior, principalmente na astronomia a que se mostrou particularmente inclinado, de maneira que em 1755 foi nomeado astrônomo da cõrte de Vienna.

O P. Hell estava em correspondencia com os mais celebres astrónomos da Europa que o consultavam e escutavam como um oraculo, e nunca se prevaleceu d'esta confiança. Sendo visitado e admirado pelos mais illustres viajantes, teve sempre essa candida simplicidade, que era o espelho da alma d'um sabio mais em commercio com os livros do que com o mundo.

Porque o P. Hell foi sempre um religioso observantissimo da regra da sua Ordem, um verdadeiro filho de Santo Ignacio, sempre occupado em obras santas. A aridez da geometria não seccionou a sua piedade que foi sempre viva e fecunda em actos religiosos.

O aspecto do ceu era para elle objecto de meditação e de instrução: contemplava a ordem que o Creador deu á natureza, e d'ahi deduzia as grandezas de Deus. Depois da extincção da Companhia de Jesus em 1773, este bom jesuita recusou os favores que lhe concedia a imperatriz Maria Thereza.

Morreu pobre em Vienna a 14 de abril de 1792, porque todos os seus haveres eram distribuidos pelos necessitados.

Escreveu um grande numero de obras, que versam pela maior parte sobre astronomia e arithmetica: a colleção completa regula por 35 volumes.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## Os acontecimentos do Joazeiro

**E**STA povoação, pertencente à freguezia do Crato, na provincia do Ceará, tem sido theatro de factos singularissimos, que vamos expôr á admiração dos leitores.

Já em novembro de 89, a pag. 31 do volume XII, dizia o *Progresso Catholico*, transcrevendo do *Parahybano*:

«Na capella de N. S. das Dores, erecta na povoação de Joazeiro, provincia do Ceará, teve logar um verdadeiro milagre, presenciado por innumeras pessoas, entre as quaes um cavalleiro merecedor de toda a fé, o qual, em carta a outro, morador n'esta cidade, d'elle dá noticia nos seguintes termos:

«Quando o padre Cicero dava communhão á virtuosa beata Maria de Araujo, transformou-se a sagrada fórmula em sangue que cahiu na toalha e na murça da beata, facto que se foi dando todas as sextas-feiras e depois diariamente.

«A principio, intendeu dever o padre Cicero occultar quanto acontecia, mas afinal revelou ao Revd. Monsenhor Monteiro, vigario do Crato, e com este insistiu para que viesse á capella, (o que fez o mesmo vigario em 7 de julho proximo findo,) celebrar e festejar o Precioso Sangue de N. S. Jesus Christo.

«E como já se houvesse propalado a noticia do milagre e a intenção de festejar-o, um sem numero de habitantes da cidade do Crato e de toda a circumvisinhança, concorreu de modo que já mais se viu n'aquella povoação tamanha aglomeração de fleis. Para que nenhuma duvida podesse perdurar, permittiu Deus que, por occasião da festa, em presença de todos, no acto da congregação, vertessem da sagrada formula agua e sangue. Foram estes offerecidos á adoração dos fleis, que se conservaram na capella por larguissimas horas.

«A carta que refere o milagre é de 8 de julho.»

O facto, de extraordinario que era, despertou a geral attenção, continuando a sobreexcitar o bom povo brasileiro, com grande edificação dos crentes e influxo vigoroso nos que se iam transviando da fé, chamados por este motivo á luz consoladora do Evangelho.

Em janeiro ultimo recebeu a redacção do *Progresso Catholico* uma serie de documentos, acompanhados de viva instancia para se lhes dar publicidade. Era delicadissimo o assumpto, e julgando conveniente não proceder de leve, dirigimos carta a pessoa respeitabilissima da provincia do Ceará, inquirindo do que havia de exacto no caso sujeito.

Instruido por testemunho a que damos o maior credito, não duvidamos agora, como chronista, trasladar os documentos, deixando para juizo posterior da Igreja a decisão da existencia ou não existencia do milagre, bem como, havendo-o, se n'elle se dá a transformação da Sagrada particula em sangue ou a humectação d'ella por effeito de sangue derramado pela beata, estigmatizada dos tempos actuaes, como outr'ora o foram S. Francisco d'Assis, Catharina Emerich, as donzellas de Kaldem e Capriana, etc. etc.

Fazemo-nos tam só humilde echo do que se passa no Joazeiro. O digno prelado do Ceará nomeou comissão competente para estudar o assumpto, cumprindo aos nossos leitores, e a todos os fleis, aguardar pacientemente e acatar com o maior rigor o *verdictum* que de certo emanará da auctoridade competente. E' certo que os milagres são possiveis, que ha milagres susceptiveis de se conhecerem com certeza, e que são uma prova verdadeira da origem divina da revelação christã; mas á Igreja, mestra da verdade, incumbe distinguir entre factos naturaes e factos sobrenaturaes e divinos. Enquanto sua voz se não faz ouvir, sustentamos nosso juizo para não incidirmos em erro, como tanta vez ha acontecido.

Passamos a transcrever os documentos vindos do Joazeiro:

*Snr. Redactor do «Progresso Catholico».*

A V. já não é mais desconhecido o grande milagre da transformação das especies sacramentaes em sangue, realisado no povoado do Joazeiro, cidade do Crato, bispado do Ceará no Brazil, e o memorial que ora transmitto ao seu popularissimo «*Progresso Catholico*» veio derramar sobre elle nova luz e mostral-o evidente contra qualquer contestação.

Tambem a Comissão diocesana que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bispo do Ceará mandou verificar e processar todo o occorrido no Joazeiro, já recolheu-se á sede episcopal e levou consigo provas e documentos que deixaram-na plenamente satisfeita e excederam mesmo toda a sua expectativa.

E sobre os testemunhos que lhe apresentaram—Divina—a causa efficiente do grande milagre do Joazeiro, aconteceu mais que na ultima communhão dada á humilde Maria de Araujo pelo proprio Secretario da Comissão Padre Dr. Anthero, a Hostia Sacramental tomou a forma regular e perfeita d'um coração de carne humana, e d'elle sahio sangue e agua, como outr'ora quando a lança da descrença golpeou o Divino Coração no sacrificio do Calvario.

A Comissão Diocesana deixou exposto em uma caixa de vidro na Capella do SS. o mesmo Coração que ainda hoje, 15 dias depois, permanece inalteravel, incorruptivel, perfeito, como se fora obra d'arte, pequeno, que apenas tem uma pollegada; mas tão bello e tão terno, que ninguem o tem visto sem sentir-se commovido, e sem render-lhe, quasi instinctivamente, verdadeiro culto de Latria.

Tão esplendente manifestação bem deixa ver o Poder unico d'Aquelle que disse «*Hoc est corpus meum*» e que ainda hoje para despertar a fé morta d'este seculo moribundo lhe diz pelas maravilhas do Joazeiro: *Levanta-te, vé e cré como «Hoc est corpus meum»* mostrando tambem assim (segundo a phrase do *El Centro Eucaristico* de Madrid) que «a unica esperanza para a «salvação das sociedades é Jesus Christo vivo» «to vivendo sacramentalmente entre os «homens.»

Garantida a verdade do que fica exposto, tambem asseguro que transmittindo ao «*Progresso Catholico*» as ultimas occorrencias que projectaram sua luz sobre o grande acontecimento do Joazeiro; eu não viso outro interesse senão o da gloria de Deus e a exaltação de sua Religião, que vemos agora sitiada de toda a sorte de inimigos, e todos elles conjurados a dar-lhe a morte!

O milagre do Joazeiro veio, pois, no momento preciso para a salvação da actualidade religiosa do mundo catholico.

A' imprensa de Jesus Christo cumpre portanto publicar, sustentar e defender a maravilhosa manifestação de Deus em favor da sua e da nossa Religião contra a descrença d'este seculo moribundo, agonisante e ainda impenitente!...

E' um immenso serviço este: tem direito ás recompensas do tempo e aos louros immortaes da eternidade.

Honre me tambem com um numero de seu jornal, que desejo ser d'elle e de

V. apreciador dedicado

*José Joaquim Tolles Marrocos.*

Crato, 25 de Outubro 1891.

### 2.º DOCUMENTO

*Marcos Rodrigues Madeira, Doutor em Medicina pela escola do Rio de Janeiro, Medico adjunto do Hospital de misericórdia da Capital Federal, Socio Titular e Benemerito do Instituto Pharmaceutico da Capital Federal, ex-Deputado provincial pelo 7.º Districto do Rio de Janeiro, Delegado da Junta de Hygiene, etc., etc.*

Attesto que sendo chamado para observar a beata Maria de Araujo, poucos minutos depois de ter commungado no

dia 26 do vigente, quinta-feira Santa, no povoado do Joazeiro, d'este termo, onde me achava, observei o seguinte: encontrei-a de joelhos, cercada do R.<sup>o</sup> Padre Cicero Romão Baptista, outros sacerdotes e muitos cidadãos distinctos d'esta e de outras localidades, os quaes me convidaram para verificar a transformação da hostia em sangue, facto este, que, segundo referiu-me o mesmo Rev.<sup>mo</sup> Padre Cicero, tem-se reproduzido por mais de uma vez na mesma pessoa.

De facto, examinando n'esta occasião a lingua da referida beata verifiquei, com os meus olhos, que a particula estava quasi toda transformada em uma pasta sanguinea, menos na parte central, na qual se divisava ainda uma pequena porção da particula com sua cor quasi natural.

Em seguida a mim continuaram a examinar o facto grande numero de cidadãos de reputação insuspeita; e, desejando continuar a observar o facto alludido, pedi ao Rev.<sup>mo</sup> Padre Cicero que fizesse remover grande parte do povo que nos cercava, a fim de que houvesse bastante luz para proseguir no meu exame, que fiz com a mais acurada attenção; e n'esta occasião observei que a particula estava já completamente transformada em sangue vivo, rubro, que poderia ser reconhecido a olhos nus por qualquer pessoa, mesmo que não fosse um professional.

Este sangue assim descripto tomava a forma de um coração humano e acima d'este coração assim descripto, observava-se uma ulcera na parte anterior e média da lingua, cujos bordos eram salientes, e se elevavam bastante na lingua, de modo a ser este facto tambem verificado por mim e um grande numero de cavalheiros da primeira sociedade.

Minutos depois quando tornei a approximar-me para proceder a novo exame na lingua da referida beata, já não encontrei nada do que antes havia observado com muita attenção.

O sangue tinha desaparecido completamente e bem assim a ulcera ou chaga como chamavam as outras pessoas que commigo, foram testemunhas do facto, não ficando absolutamente na lingua o menor vestigio dos phenomenos, que acabavam de operar-se.

Continuando ainda o meu exame, não descobri a menor ferida, ulcera ou ferimento de natureza alguma na lingua, gengivas, larynge e em fim em toda a cavidade boccál, sendo de notar-se que a lingua estava completamente limpa e sem ter mesmo a menor rachadura.

Outro facto digno de menção é que este sangue completamente rubro não soffreu a menor alteração na sua cor durante todo o tempo que foi observa-

do na lingua, pelo espaço de duas horas mais ou menos, apesar da acção do ar atmospherico que com elle estava em contrato.

Quanto a mim trata-se de um facto sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação scientifica.

Pouco se me dá que os incredulos não dêem a este meu attestado o valor que elle deve ter, desde que o que acima attesto, é a expressão da verdade e o juro em fé de meu grau, tantas vezes, quantas me forem pedidas.

Crato, 28 de Março de 1891.

Doutor Marcos Rodrigues Madeira.

N. B. Está reconhecida a letra e firma pelo Tabellião d'esta cidade.

(Continúa)

## SECÇÃO CRITICA

### A educação e os exames officiaes

(Continuação do n.º 4)

«Dê se o ensino mas não se lancem peias ao estudos.»

(Relatório do conselho do Lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

«O triste, em Portugal, e acaso o primeiro motivo da physionomia singular da nação, é a ignorancia ou, peor ainda, a sciencia desordenada das classes medias. Todos sabem de que genero é a educação secundaria; todos sabem o que é a instrução superior. . . Com tal ensino se cria em Coimbra um viveiro de estadistas que annualmente caem sobre Lisboa pedindo fama e empregos. . . A fortuna dos ricos, a sorte dos pobres vão pois guiadas por uma coisa peor ainda que a ignorancia— a sciencia falsa pedante sempre.» (1) O triste, sim, o deploravel, o factor que mais poderosamente tem collaborado na nossa tristissima situação actual, é por certo o nefasto systema de ensino adoptado já de ha muito entre nós, systema que, como o demonstra magistralmente o insigne pedagogo F. Giner, envolve a negação pura e simples da verdadeira educação.

Bem quizeramos transladar para aqui integralmente o opusculo do conspicuo auctor hespanhol—*Estudios sobre educacion*; mas a estreiteza do espaço de que dispomos apenas nos permite reproduzir alguns trechos.

Tendo constatado, como nós fizemos no artigo anterior, ser caracterica do methodo educativo moderno, filho da

revolução, o divorcio absoluto entre a instrução e a formação do caracter moral do homem, deixando que no joven como no sertanejo africano se desinvolvam todas as ruins paixões, acrescenta: «Em consequencia d'este methodo pedagogico attende-se tam sómente á intelligencia do alumno e não á integridade da sua natureza; não se procura despertar as energias congenitas da sua alma, nem se dirige a formação dos seus sentimentos, de sua vontade, do seu ideal, aspirações, moralidade, caracter. . . Ao sair da eschola primaria finda para elle toda a educação nas aulas (e em geral fóra d'ellas) occupando-se desde então os seus mestres sómente da instrução material. Daria todos os milhões de Rothschild e mesmo os de H. Mackay para ver a cara que faria um lente de chimica ou de direito commercial ao ouvir affirmar que lhe incumbe impedir que seus discipulos frequentem as casas de jogo, os lupanares e outros antros de perdição; que sejam varonis, sinceros, honrados, laboriosos, cultos, aceados o mesmo elegantes; que trabalhem por gosto e não para ganhar um anno (fóra melhor dizer perdel-o), que tenham bons costumes, adquiram gostos nobres, aborrecendo a vulgaridade, a imundicie, a preguiça, a inveja, a mentira etc. etc. . . Perante este conceito intellectualista que hoje está prevalecendo nas funcções do professor, pouco ou nada importa que a juventude se lespenhe e perpetue a barbarie, comtanto que apprenda o bastante de anatomia, litteratura, participios e preteritos, para sahir-se bem no acto do exame.

Apressamo-nos em declarar que a culpa é do systema e das pessoas, mas muito principalmente do systema. Poñamos um Socrates ou um Fröbel á frente de uma aula de quinhentos alumnos, a quem não vê, e com quem pode falar, quando muito, uma hora cada dia; obriguem-no a não fazer outra cousa mais, durante esta hora, que expôr a parte aliquota d'um programma calculado pela sabedoria administrativa. . . e peçam-lhe depois que forme n'aquellas desditosas creaturas um senso scientifico profundo, um senso moral são e não sei quantos mais sentidos: graças aos ceus, se entre esses quinhentos jovens houver meia duzia, que ao cabo do anno saiam com o senso commum menos obtuso!» (1)

«Confessemol o, de bom grado, o systema actual de ensino, systema burocratico em que o professor despacha a sua prelecção em hora e meia, como despacharia qualquer outro expediente, nem tem com o alumno senão um con-

(1) Portugal contemporaneo, vol. II pag. 406.

(1) Estudios sobre Educacion, pag. 97-98.



DELICTO DOS FRADES

tacto superficial, que os deixa inteiramente extranhos um ao outro, systema mnemonico, mecanico, dirigido ás faculdades inferiores... logra admiravel exito, se, como parece, foi organizado para dar à patria gerações de cidadãos rachiticos d'alma e corpo, indifferentes para os principios que ignoram... desprezadores do ideal... scepticos... etc. Se acaso porém se pretendeu assegurar d'est'arte o futuro intellectual do nosso povo, este systema educativo está condemnado assim pela raiz como pelos fructos.»

D'este methodo resulta de facto um mal immenso que F. Giner descreve do modo seguinte: «O vicio fundamental de nossas classes... chamadas illustradas pode reduzir-se a uma formula precisa. Entre nós as pessoas de talento são jornalistas, cathedraicos, clérigos, commerciantes, medicos, militares, advogados, musicos, escriptores, chimicos, architectos e não sei que mais... mas difficilmente são *homens*. D'aqui um especialismo acanhado, uma indifferença mortifera para tudo o que não entra no seu estreito horisonte... topamos a cada passo com um sabio glorioso, um artista celeberrimo ou um politico brilhante, mais ou menos entendidos nos seus officios respectivos, mas que não se importam, nem por sombra, das outras funcções sociaes, e revelam uma carencia quasi absoluta d'aquellas idéas, principios, sentimentos, gostos e maneiras até, que fazem o homem *homem*».

Para o que não basta, como disse Balzac, e é verdade de primeira intuição, saber de cór Horacio, Virgilio, Camões ou a taboa de logarithmos, mas cumpre antes de tudo aprender a ser discreto, serio, affectuoso, honrado, adquirir um conceito exacto das cousas, chegar a pensar por si mesmo, saber discernir o bem do mal, ascender ás regiões superiores da razão, ter bem algemadas as paixões ruins e abjectas e energia bastante para em qualquer occasião cumprir, custe o que custar, á maneira dos nossos maiores, todos os deveres para com Deus, a patria e os nossos semelhantes.»

Ora estes nobres predicados não se adquirem facilmente, não, mil vezes não.

Para se realizar um ideal tão sublime e proveitoso requerem-se os maiores desvelos, os mais assiduos e esmerados esforços; é mister educar o homem por inteiro, religioso e moralmente, como o entendeu e praticou durante longos seculos a pedagogia christã, colhendo os mais bellos resultados: isto é, a civilização christã que elevou o homem a uma altura jamais attingida.

Aos olhos porém dos modernos sectarios o joven não passa d'um poste em que cada anno um novo mestre

vem simplesmente colar um novo cartaz com letreiro e cores differentes. *Risum teneatis, amici...*

E' ridiculo, é descomunalmente estolido semelhante systema, que digo? é diabolicamente perverso e damnoso.

Planeado desde ha muito com astucia infernal nos antros maçonicos, virá a destruir quanto ha de bello e bom na humanidade, a rebaixar o homem á condição de selvagem e de bruto, como o demonstra com toda a evidencia e proficiencia D. Benoit (1).

O mais deploravel, quicá, é que a obra maldita, o mysterio de iniquidade maquinado por aquelle que foi homicida desde o principio, está muito adiantado entre nós a ponto de não poucos dizerem: *isto já se não endireita*, e porquê? por escacearem os homens.

«A crise que atravessa a nossa nacionalidade, escreve Ferreira Deusdado no ultimo numero da *Revista de Educação e Ensino*, não é sómente economica é sobretudo uma crise de senso pratico e de moralidade.» E qual a razão da falta de senso pratico e de moralidade? O mesmo auctor, muito insuspeito por certo, responde: «A superficialidade do ensino lyceal desorienta a intelligencia e enfraquece o caracter... produz crises moraes e perturbações economicas.» D'ahi conclue ser urgente introduzir em o nosso ensino secundario a verdadeira educação classica pelos estudos civicos, moraes, estheticos e philosophicos, porque no ensino secundario elevado e philosophico é que está a chave da futura regeneração intellectual e moral.

Muito bem.

Realizar-se-ha porém uma reforma seria n'este sentido? Pouca ou nenhuma probabilidade nos resta: nem sequer talvez se chegue a conhecer que a principal causa da nossa decadencia reside no nosso lastimoso systema educativo. Não obstante a sua grande competencia e elevada posição, o Sr. Ferreira Deusdado poderia sem duvida dizer com o elegiaco francez:

«Dans le pays des sourds j'ai promené ma lyre»

E' tão densa, ai! a nuvem de preconceitos maçonico-liberaes que desde o sinistro Pombal vem obsecando todas as intelligencias, ainda as que pareceriam pela sua posição menos expostos ao contagio! «Que alguém se atreva a dizer a sombra de uma verdade e será condemnado. Que alguém se lembre de bolir n'um qualquer dos idolos do tempo e será apedrejado — liberalmente (2)!»

(1) *La cité Antichrétienne au XIX siècle* II part. 1 vol. pag. 11—100.

(2) *Portugal contemporaneo*, 2.º vol. pag. 407.

Esta asserção d'Oliveira Martins, tão justificada, acha cabal applicação no caso presente.

«Com effeito, n'este «jardim da Europa à beira-mar plantado» até o clero, combatente em França, na Belgica, na Allemanha, é liberal!!!» Quaes são de facto as pugnas empenhadas pelos bispos para combater o ensino anti-christão e no intuito de conseguir a liberdade de ensino, liberdade que tem e está provocando em França e Allemanha, por exemplo, tão renhidas contendas?

Nenhumas.

Dir-se-hia que aos olhos dos nossos prelados este canto occidental do mundo é o modelo das nações livres e christãs.

Nada de atritos, nada de luctas, prudencia colombine para que... a seita assuberbe, escravise e destrua tudo a seu talante.

A questão do ensino, candente em toda a parte, jaz aqui sepultada ha lustros e lustros no limbo do esquecimento!... *De minimis non curat prætor*.

Ha mais ainda: *Obstupecite cæli!* Os mesmos seminarios pelo menos os do ensino secundario, salvo raras excepções, têm sido e estão sendo ainda organizados segundo o ideal maçonico!!! E ninguem repara no mal immensissimo que d'ahi advem á religião.

(Continúa).

*O ex-alumno do lyceu J. A. R.*

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Uma Belleza do celeste imperio

(Vid. p. 61)

**P**ARECE andar a belleza divorciada da raça mongolica, tam espalhada na parte oriental da Asia (1) Todavia encontram-se typos sobremodo distinctos por feições correctas, olhos pretos, nariz regular, phisionomia atrahente. Pena é que a moda, desrazoada em toda a parte, condemnando a cór rosada nas faces da mulher chinesa, a obrigue a pintar-se de branco, no que se lhe deteriora a cutis em pouco tempo. O pé das chinezas é proverbialmente pequeno; pode dizer-se que não tem pé, pois desde a infancia tam duramente o constingem, que seu an-

(1) Modernamente, após os trabalhos de Blumenbach, acha-se muito em voga a divisão da especie humana em cinco raças: europea, asiatica, africana, americana e malha. Esta divisão é deduzida da configuração dos craneos. Blumenbach, celebre medico allemão, prova a unidade physica do genero humano e portanto a sua unidade moral.

dar é analogo ao movimento dos nosos escolares quando se exercitam nas andas. E sendo esta moda detestavel, não tem desaparecido no volver dos seculos, visto ser introduzida no reinado de Ch'ou sin'n, 1122 annos antes da era christã.

Usam as chieuzas de calças largas, pendentes da cintura, onde as enleiam com fachtas dobradas e redobradas, e presas no tornozello por um cordão de seda. Sobre as calças assenta um vestido de largas mangas, abotoado no peito ou no lado direito, consoante o uso das provincias, e adornado por franjas graciosamente bordadas. A fidalga chineza passa a vida n'uma rigorosa reclusão, raro saindo fóra de casa, a não ser guardada e fechada na liteira ou no palanquim. Em casa enfeitase para se mostrar á familia, levando horas seguidas ante o espelho, n'uns exercicios continuados de adorno, em que vence talvez as nossas vaidosinhas européas. Esta reclusão desagradavel cessa por occasião das festas publicas, tam notaveis entre os chinezes, chegando a durar muitos dias, com a de Confucio, na primavera e no outomno, e a do principio do anno, que vai desde o primeiro ao vigesimo dia da primeira lua. Ila n'ellas interrupção nos tribunaes, multiplicam-se as visitas, esturgem as musicas, dobram os sinos, crescem os banquetes, é então o folgar em tudo e por todos. A alegria assume o grau de delirio, e as damas, enjauladas no resto do anno, saem livremente, ostentando seus caprichosos enfeites, de carruagem ou montadas em burros.

R.

### Delicto dos frades

(Vid. p. 67)

O religioso, com parecer inerte, so litario e esteril, é mais activo, e mais verdadeiramente para a sociedade e para a posteridade, do que o mundano. Diferindo d'elle sobretudo em que no desempenho d'estes tres deveres procede sempre pelas maiores e mais ingremes alturas da perfeição.

A regra de S. Bento, de que foram transumpto as de quasi todas as outras ordens, reduz ou estende as obrigações dos que a professam, em aquilhoar as horas do dia entre a oração, a leitura e o estudo, o trabalho manual e a instrucção da mocidade. Será isto inercia e preguiça? Será insociabilidade e misantropia? Será esterilidade para a geração nova?

Estes homens, de que uma grande parte nada pedia, nem acceitava ao mundo, outra, se contentava com a esmola, e, onde ella não chegava, supria a falta com a resignação;—estes

homens sempre caluniados por quem os não valia, desbravavam a terra; atiravam nos desertos povoações em derredor da sua capella e da sua lavoura; desbastavam a rudeza dos ignorantes; amansavam a feridade dos costumes; conciliavam os inimigos; concertavam ou mantinham nas familias a paz com os seus conselhos; ensinavam as letras, e a religião á infancia; accudiam com o pão ao necessitado, com a botica ao enfermo, com o valimento ao opprimido, com as visitas e consolações ao moribundo; despejavam o seu celeiro e a sua bolsa para ajudar ao principe na guerra; na paz dispendiam em arrotear e plantar, em mais construir, e favorecer artifices; em encanar o rio, que orlava o seu predio, em edificar a ponte, romper ou concertar a estrada de uso commum; ajudavam os parochos no trabalho do seu ministerio; davam ao povo das cercanias o espectáculo das solemnidades religiosas, celebradas com magnificencia; davam-lhe nos dias consagrados ao ocio o goso franco de seus jardins e arvoredos; nas suas bibliothecas, publicas como as suas escolas, uma grande parte das obras mais procuradas e mais trabalhosas, elles ou seus predecessores as haviam escripto. Não os verieis nas galas, nos theatros, nos saraus, mas achal-os ies, se os procurasseis, nos soutos e carvalhaes, prégando aos povos concorrentes de quarenta, sessenta e mais aldéas; e deixando nos corações contricção e attricção, que, ás vezes duravam toda a vida:—achal-os-ieis nos dias fechados e escuros do inverno, ou pelas calmas abrazadoras do estio, sempre com o mesmo vestido grosseiro, correndo a pé os caminhos mais asperos para irem levar este ensino inesperado e gratuito aos silvestres filhos das serras mais apartadas e menos sabedoras do seu convento:—achal-os-ieis nos carceres exhortando os criminosos ao arrependimento, e sobre a enxerga do condemnado á morte, abraçando-o como a irmão muito amado e pedindo-lhe por mercê e com lagrimas que lhe não perdesse a sua alma, remida com o sangue de Jesus Christo:—achal-os-ieis ainda no transito funebre, confortando o, e aos pés do cadafalso esforçando-o, e sobre o cadaver decapitado esparzindo preces, e sobre a sua sepultura intercedendo, ou junto á fogueira que o reduzia a cinzas, para serem lançadas ao mar, ou aos quatro ventos, soltando as palavras da clemencia e os canticos da esperanza:—achal-os-ieis nos hospitaes, por entre o mais accêso dos contagios, accudindo com a medicina do corpo e da alma; no campo da batalha pensando os feridos e absolvendo os agonizantes; ás portas dos principes, dos se-

culares abastados, só no dia do funeral; nos sótãos da indigencia invergonhada todos os dias levando-lhe o restante do jantar, repartido á portaria entre os mendigos (como se vê na gravura):—achal-os-ieis nas regiões barbaras recém-descobertas ou recém conquistadas descontando o odio das armas pelo amor da doutrina, negociando espiritos emquanto os seus conterraneos negociavam fazenda e oiro:—achal-os-ieis entre os selvagens do deserto; provocando com beneficios o martyrio, e não se doendo dos tormentos senão porque a morte lhes atalhava o bem fazer:—achal-os-ieis nos desertos nivosos dos Alpes, salvando e hospedando o viajante perdido:—achal-os-ieis aos pés dos thronos barbarescos, resgatando os christãos captivos com o producto das esmolas, laboriosamente grangeadas de porta em porta, e de provincia em provincia, por espaço de muitos annos:—em toda a parte os acharieis, onde houvesse lagrimas para enxugar, fé para crear e fortalecer, esperanças ou allivios para esparzir; instrucção moral ou litteraria para derramar; féras para as alçar a homens ou homens para os elevar até anjos; emfim, em toda a parte onde houvesse ingratos para fazer, que é em todo o mundo. E são estes os eslereis, os egoistas, os inertes, os que o mundo na primeira hora em que se ouvir, atropellando tantas obrigações adquiridas, tanto direito natural e positivo, tantos interesses publicos e privados, tanta responsabilidade, perante a philosophia imparcial, e a tremenda appellação do presente para o porvir!

(Visconde de Castilho—S. BRUNO.)

### SECÇÃO NECROLOGICA



Em Lisboa falleceu a digna assignante do «Progresso Catholico» D. Maria Josephina Bertrand. E' lhe esta empreza em extremo reconhecida pelo muito que lidou em seu favor, pois a delicada senhora era sempre incançavel em qualquer serviço que se lhe referisse. Veneramos sua memoria lembrando-a assiduamente perante Deus e contamos com a muita caridade de nossos leitores para nos acompanharem na piedosa homenagem que nos merece a saudosa extincta.

D. P.

## SECÇÃO LITTERARIA

## AVE-MARIA

Um cinto de fogo tingindo o poente  
Lá marca a descida do astro do dia.  
N'est' hora ineffavel d'amor e saudades.  
Suas proces a terra te manda, ó Maria!

A par d'esses vagos murmurios da tarde  
() sino eis desata celeste harmonia;  
E ás nuvens, aos mares, e aos campos troando  
Nas vozes que solta diz: Ave Maria.

E as nuvens respondem, e os campos e os mares  
E a brisa que baixa co'a noite sombria,  
Cantando ao crepusculo e'os anjos dos bosques  
O throno de graças te encheu, ó Maria.

Senhora, eu que n'alma só tenho tristezas  
Encontro um allivio na minha agonia,  
Juntando meus hymnos ao hymno do arhanjo,  
Como elle te disse, digo: Ave Maria.

D. José Maria da Piedade e Lencastre  
Marquez de Abrantes.

## SECÇÃO DE COMMUNICADOS

## Fontello d'Armamar

Sr. Redactor:

O zelo d'um pastor d'almas no cumprimento dos seus deveres, o munus pastoral, missão sublime que ténde nada mais nada menos do que a guiar a sociedade atravez das procellas da vida ao porto de salvação; bem como a docilidade d'um povo ás suaves e benéficas inspirações da divindade pela bocca d'um parochio exemplar, me levam, cheio de enthusiasmo, a vir á imprensa patentear um factio comprovativo da celestial harmonia que reina n'uma freguezia quando o parochio é zeloso e o povo docil.

O dia 28 de fevereiro amanheceu para a freguezia de Fontello algum tanto borrascoso. Durante a manhã, algumas nuvens negras se foram acastellando no horisonte para, ahí pelo meio dia, subirem e formarem uma cupula cerrada sob a vastidão do céu que nos cobre. A isto succederam-se, a intermittencias, bátegas de agua até a cerção da noite.

Nos dois dias subsequentes, deram-se quasi as mesmas modificações na atmospheria. A freguezia supracitada apresentava no decurso d'estes tres dias um aspecto socegado, cousa nunca vista n'esta aldeia do norte, onde, de uma maneira admiravel, se reflectiam anteriormente os hediondos folgaes que o paganismo passou para nós e que infelizmente ainda não debellamos; são os jogos do entrudo.

O remanso do povo não tem como causa o que á primeira vista pare-

ce, o aspecto carrancudo dos dias, não; a causa é mais nobre, mais digna de verdadeiros filhos do christianismo e d'um parochio bom e zeloso; foi a pratica do jubileu das quarenta horas.

O bom parochio, vendo que aos attractivos dos jogos mundanos só o poetico d'uma festa religiosa se pode oppôr, de mãos dadas com os dignos zeladores e zeladoras da associação do Sagrado Coração de Jesus, promoveu o jubileu das quarenta horas; esta sublime inspiração de desaggravo foi acompanhada de varias manifestações do nosso culto. No domingo, dia 28, pelas 11 horas da manhã, houve missa cantada, finda a qual, e feita a procissão com o SS. Sacramento em custodia em volta da igreja, e cantadas as Ladainhas dos Santos, fez-se a exposição no throno que, devido ao excessivo cuidado das benemeritas zeladoras, estava um perfeito jardim, assim como toda a igreja.

Durante a exposição, a concorrência dos fleis foi enorme, havendo muita gente das povoações limitrophes.

No dia 29 de fevereiro e 1.º de março, houve exactamente a mesma festa; mas com differença para mais: o R.ºº Balthazar Ribeiro de Jesus subiu, n'esses dois dias, á tribuna sagrada, tomando por thema dos seus discursos, «*Quanto andam afastados do verdadeiro espirito da Igreja aquellos que empregam o tempo do entrudo em divertimentos que aviltam o homem*». Sahiu-se brilhantemente como era de esperar. (1)

Parabens pois ao digno parochio que tão sympathicamente soube afastar dos devaneios do entrudo os seus parochianos, fazendo lhes elevar nas aspirações do incenso e no perfume das flores, as orações deprecatorias ao Deus de tanto amor. Só assim, R.ºº Sr., oppondo as pompas e galas d'essa religião divina de que sois ministro ao brutal gozo de prazeres tão pagãos, podereis collocar no seio da grei que vos foi confiada um caudal de vida, contraste do rapido esvair da actual situação da misera humanidade.

Mil emoras tambem aos habitantes de Fontello, porque sabem escutar Jesus Christo na pessoa de seu parochio e preferir a poetica e celica harmonia dos cantos do templo a tudo que deleita o sentimento, mas não socega a consciencia.

Continuai pois, habitantes de Fontello, n'essa marcha progressiva no caminho da virtude sem recuardes um

(1) N'estes tres dias, durante dia e noite milhares de preces se fizeram no templo d'esta freguezia e perto de 800 communhões se effectuaram, tudo em desaggravo ás muitas offensas que n'este tempo recebe Jesus Sacramentado.

passo, que a Jerusalem celeste vos espera com canticos de amor e prazeres indiziveis.

Um observador.

## RETROSPECTO

## Chronica

Portugal.—Não repisamos nas lesões não ignoradas de nossos leitores. Uma ha, que nos dóe manifestar, e bem desejaramos que o conhecimento que d'ella temos fosse tam errado que ella mesma não existisse. Fallecido o digno bispo d'Angra, D. Francisco de Lacerda, insinuou o governo, mediante carta regia, a eleição, para vigario capitular, do chantre da Sé Cathedral, snr. Francisco Joaquim Machado. O cabido, na esphera de seu indiscutivel direito, e usando da liberdade que em tal assumpto lhe era propria, elegeu para aquelle cargo de altissima confiança o Ex.ºº Deão, José da Fonseca Abreu Castello Branco. O governo, por lhe não terem acatado a insinuação destituida de toda a legalidade, censurou o cabido por intermedio do actual snr. ministro da justiça.

Eis-nos pois em frente d'um conflicto que graves difficuldades tem causado já na diocese açoriana, e funda magua ha lançado no coração dos crentes, anceosos sempre porque a Deus se dê o que é de Deus.

Consta nos egualmente que o prelado recém-eleito se oppõe, de parceria com o governo, a não reconhecer a auctoridade do cabido nem a do vigario capitular. Será isto certo? A boa fé suppõe-se: no emtanto, se quem nos illucida n'este melindroso assumpto nos merece confiança, a pessoa n'elle involvida não nol-a merece menos, o que nos leva a suster por emquanto o nosso juizo n'este particular. Aguardemos o que vier. Quanto ao snr. ministro da justiça, mórmente pelo caracter que reveste, immensamente nos contrista vê-lo proceder d'esta maneira. Estará por ventura indeciso em caminhar ávante no campo catholico onde firmou admiravelmente os passos?... Uma vez mais em que nos dispomos a imitar a Thomé.

\* \* \*

França.—O manifesto annunciado pelo ministerio apresenta ao mundo o governo francez como inimigo acerrimo da Igreja e de todas as instituições.

Os dois poderes, Igreja e Estado, parece disporem-se para as ultimas batalhas, e o curioso povo parisiense, n'uma avidéz de noticias, invade na sessão de 3 de março os corredores

do palacio Bourbon a escutar o novo programma, que declara a defesa de todas as leis republicanas, mórmente da lei militar e da lei escolar, *salva guarda do direito das consciencias*. O governo, esquecido que antes de 70 um plebiscito declarou illimitada confiança em Napoleão III, julga a república inabalavel, visto que seus adversarios a aceitam.

Não é isto porém assim.

E' certo que os catholicos aceitam a forma de governo, mas a forma sómente, dispostos denodadamente a expurgar do seu corpo de leis todas as que se oppõem à auctoridade sempre respeitavel da Igreja catholica.

O novo ministerio presidido por Loubet não tem condições de ordem, e os elementos que o constituem, extrahidos da peor massa de republicanismo reles, não podem formar combinação estavel, mórmente quando o sr. Constans, por amargurado despeito, lhe prepara fortes e ininterruptas perturbações. Por seu lado os catholicos, por acção e oração, sentem se cada vez mais animosos para as proximas eleições municipaes, que devem effectuar-se no 1.º de maio.

Por Brest obtiveram grande triumpho na eleição de Mons. d'Huist, que foi a primeira derrota governamental a par d'outra infligida pelos socialistas em Bethune. Os catholicos venceram igualmente em Poitiers. Estas estréas persagiam vida curta ao actual gabinete, e já que seus intentos tanto se desviam do que constitue a felicidade dos povos que representa, todas as horas que na mão conserva o mando é para só ruina d'uma nação, já assás punida dos desvarios em que se deixou resvalar. Um melhor futuro está prometido à primogenita da Igreja, com o qual se alegrará o mundo inteiro, porque ao triumpho da França anda intimamente ligado o triumpho da Igreja, tam almejado por todos os corações catholicos.

Solemnizando a coroação do Pontífice romano, um fervoroso catholico mandou celebrar consideravel numero de missas pela intenção seguinte: «Faça Deus fructificar a palavra do nosso Santo Padre Leão XIII e sejam seus ensinamentos escutados, cumpridos, postos em acção por *todos aquelles* que se honram de ser catholicos. Oh! se todos os sacerdotes offerecessem, por occasião das festas anniversarias ha pouco celebradas, o sancto sacrificio segundo esta importantissima intenção, em cedo veriamos a nação christianissima occupando em face da Igreja o posto de honra que lhe pertence, dando immensa consolação ao coração martyrisado do nosso amado Pae, o homem de dores dos tempos actuaes».

\* \* \*

*Italia.*—A imprensa hostil á Igreja, que não morre d'amores pela França, espalhou aos quatro ventos a volumosa pèta de que o presidente Carnot escreveu de seu proprio punho a S. Sanctidade, agradecendo lhe a preciosa Encyclica aos prelados francezes. O que ha de verdade a este respeito é tam sómente o parabem expresso pelo sr. Conde Lefevre de Béhaine em sua visita por occasião do anniversario da coroação pontificia, assignalado, como é proprio d'um coração paternal, por valiosos donativos distribuidos a clerigos pobres e familias indigentes. S. Sanctidade recebeu grande numero de telegrammas a complimentarem no n'este dia jubiloso, entre os quaes se viam os dos imperadores da Austria e da Alemanha. No discurso feito ao sacro collegio, uma vez mais lembrou o Pae commum dos fleis as grandes preoccupações do seu reinado, inteiramente semelhantes ás de Innocencio III: a libertação dos Logares Santos e a independencia da Igreja. «Apesar de tudo, diz o Sancto Padre, a Igreja possui uma secreta e invencivel virtude que o mundo não comprehende por que não deriva d'elle. Firme n'essa virtude, proseguiremos tranquillamente nossa derrota, resolutos sempre a consagrar a essa importantissima missão os dias de vida que nosso Senhor intentar conceder-nos.»

Apraz-nos consignar aqui o amor que o Sancto Padre tem conseguido por toda a parte. Em Nova-York, um numeroso *meeting* foi celebrado pelos catholicos sob a presidencia do *maire*, e um exaltado lembrou-se de gritar: *Abaixo o Papa!* Foi quanto bastou para que n'aquella enthusiasmada assembléa surgisse uma violenta indignação, cujas sérias consequencias podiam ser lastimosas, se a policia não accudisse a proteger o leviano perturbador da ordem. Vemos pois como a America sabe tambem dar optimas lições á Europa degenerada.

\* \* \*

*Allemanha.*—Continuam as excitações socialistas, tendo a capital do imperio n'uns pavores desagradaveis. Tres dias e tres noites successivas foram levadas em gritos continuados, reclamando-se pão, assaltando-se as padarias, os depositos de tabacos, as ourivesarias e varios outros estabelecimentos. O nome do imperador era proferido n'umas laldainhas desconcertadas, acompanhado de qualificativos pouco lisongeiros. Por fim conseguiu-se restabelecer a ordem à custa das pranchadas distribuidas pela força publica.

A miseria de que actualmente gemem as classes pobres, proveniente da escassez da ultima colheita, unida aos principios dissolventes propagados pelos discipulos de Lassalle e Owen, prepara a desorganisação do grande imperio, se não vier cimental o o elemento catholico, tam util em todos os tempos, mas indispensavel nas horas em que as nações correm maior perigo.

## Noticias

*Cardeal Mermillod* —Mais um astro distincto do sacro collegio pendeu no occaso após um curso repleto de gloriosa refulgencia. O cardeal Mermillod, honra da Suissa, sua patria, e honra da Igreja catholica, de que sempre foi um confessor heroico, nasceu em setembro de 1824 e falleceu em 23 de fevereiro ultimo.

De nenhum modo nos é dado apresentar melhor as nobres qualidades do insigne prelado, que expor as palavras com que o soberano Pontífice o distinguiu na occasião de lhe conferir a purpura cardinalicia.

«Todo o mundo sabe, disse S. Sanctidade em pleno consistorio, as provas, os longos trabalhos do exilio, que tendes soffrido para servir a causa da Igreja e permanecer fiel ao seu chefe supremo. De todos é igualmente sabido o vosso zelo infatigavel pela fé e pela salvação das almas, bem como a efficacia de vossa palavra em illuminar as intelligencias e atrahir os corações para Deus.»

Ordenado em 1847, talentoso e eloquente, dedicou-se em breve ás lides do pulpito, acompanhando com ardor de verdadeiro apostolo todas as obras catholicas. Os protestantes ouviam-no com entusiastico interesse, sendo muitos os por elle convertidos ao credo da Igreja catholica. Parocho de Genebra, emprehendeu a construcção da cathedral de Nossa Senhora, obtendo grande somma para esta edificação por notaveis discursos que prégou em varias nações da Europa. Pouco tempo depois foi violentamente arrancado à sua patria começando a epocha do seu glorioso exilio. Em 1862 foi nomeado bispo d'Hebron; perseguido pelos calvinistas retirou-se a Ferney, terra franceza d'onde por muitos annos governou a sua igreja nascente, onde seus piedosos filhos accudiam em numerosas peregrinações escutando reverentes as palavras de vida, que sollicitamente lhes distribuia o venerando pastor.

Em 1883, nomeado bispo de Genebra e Lauzanne voltou à Suissa para residir em Friburgo, onde toda a população era catholica. Creado cardeal em

1890, viu terminada sua gloriosa missão terrena, deixando após si exemplo notavel da intrepidez com que os filhos da Igreja devem em todo tempo defender o posto que lhes é confiado.

\* \* \*

*Noticias do Funchal.*—No domingo, 21 de fevereiro, houve na Sé do Funchal um solemne Te-Deum para festejar o feliz anniversario da exaltação à cadeira de S. Pedro do magnanimo Leão XIII. Em seguida o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo, ainda revestido de pontifical subiu ao pulpito para em poucas palavras fazer o elogio de tão grande pontífice e dar o motivo porque solemniava o dia 21 e não o dia 20, que era o dia proprio do anniversario, dizendo que passara aquella solemnidade para o domingo para que maior numero de fleis concorresse à Igreja para dar graças a Deus por tão feliz anniversario e tambem para solemnisal-o mais com a administração do Sacramento da Confirmação ás creanças que já haviam feito a sua primeira communhão. Logo depois (à meia hora) começou a administrar a Confirmação até depois das 5 horas da tarde, confirmando 1:582 pessoas.

—Já foi publicada a costumada pastoral quaesmal do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo que n'este anno versa sobre a familia, assumpto realmente importante, que vem tractado brillantemente como costuma S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> fazer em todas as suas pastoraes.

—Como nos annos anteriores, os sermões dos domingos de quaesma na Sé Cathedral serão feitos pelo Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo.

—No presente anno alguns novos sacerdotes farão sermões durante a quaesma, aos domingos, na Igreja de S. João Evangelista (vulgo Collegio) o que vae certamente chamar muitos fleis à igreja, e porisso bem haja a quem se lembrou de convidar aos oradores, e bem haja a estes que conhecendo qual o seu ministerio facilmente accederam a este convite.

—Nos dias 28 e 29 de fevereiro e 1 de março houve a devoção das quarenta horas, estando o SS. Sacramento exposto durante o dia e a noite e havendo missa cantada às 10 horas e vespers às 4 e sermão no primeiro dia do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo e no segundo dia do R.<sup>o</sup> Snr. Padre João Mauricio.

—Houve um bazar e um sarau musical a beneficio do Orphelinato, annexo ao Hospicio de D. Maria Amelia, dirigido pelas irmãs da Caridade, nos dias 27, 28 e 29 de fevereiro. Teve optimo resultado.

—Em virtude d'um decreto de 3 de

fevereiro de 1892 foi reduzido o numero de cédulas de 100 e 50 reis que circulavam no mercado madeirense e as que ficaram foram domiciliadas para evitar que alguns *senhores* tornem a inundar a Madeira com o papel moeda. Esta medida foi tomada pelo governo central devida ao zelo do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Governador Civil, que muito se interessa pela prosperidade d'este districto que lhe foi confiado.

—N'um dos ultimos dias de fevereiro, o Oceano funchalense, querendo mostrar a sua valentia, destruiu o porto d'abrigo do Funchal, que havia sido terminado ha tres annos e... lá se foram 450 contos de reis!!! Alguns funchalenses ainda nutrem a esperança de que a companhia será obrigada a reconstruil-o; mas... qual historia?! Se a companhia fosse portugueza, sim senhor; porém a companhia é estrangeira e porisso é necessario contentarmo-nos, aliás ver-nos-hemos obrigados a dar satisfação à companhia; porque o que é portuguez é tractado como se fosse *roupa de francezes*.

—A Associação Catholica do Funchal, no dia 7 de março, n'uma das salas do Paço episcopal, celebrou uma festa em honra do duplo anniversario do nascimento e Coroação de S. Santidade o Papa Leão XIII, á qual assistiram o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Governador Civil, os Rev.<sup>os</sup> Conegos, muitos Rev.<sup>os</sup> ecclesiasticos e a parte mais selecta da sociedade funchalense.

Começou ás 8 horas da noite por uma symphonia, subindo em seguida à tribuna o Ex.<sup>mo</sup> Sr. João B. F. Leal, Vice-Presidente da mesma Associação; abriu a sessão e leu um magnifico discurso onde relatava as magnificencias do pontificado de Leão XIII, referindo-se principalmente á sublime encyclica ácerca das condições dos operarios, vingando o das accusações que, alguns espiritos mais superficiaes, fizeram á mesma; e terminou pedindo a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> a que abençoasse aquella assembléa em nome de S. Santidade. Depois os alumnos do Seminario cantaram um hymno dedicado a S. Santidade.

Terminado o hymno o Rev.<sup>o</sup> Snr. Conego Manuel Esteves Fazenda occupou a tribuna por espaço de uma hora, falando eloquentemente ácerca da auctoridade em geral, passando em seguida a fallar da auctoridade do pontificado, mostrando que a verdadeira civilização toda dimana do pontificado; porque só do pontificado provém a verdade e a virtude, unicas bases em que assenta a civilização no seu sentido rigoroso. Foi muito applaudido.

Tendo a orchestra tocado uma linda symphonia, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, apesar de já ter no mesmo dia prégado tres vezes nos maiores templos do Funchal

(Sé e Collegio), durante uma hora em cada um, ainda assim, tornou a fallar, terminando por lançar a benção pedida pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Presidente.

Foi realmente uma festa que a todos agradou e que muito ha-de contribuir para augmentar nos assistentes o amor que consagram ao papado e principalmente a Leão XIII.

Março—15.

D.

## ANNUNCIOS

As Bemaventuranças, 1 vol. ....	200
Conferencias de Nossa Senhora de Paris, pelo R. <sup>mo</sup> Padre Monsabré	
Exposição do Dogma Catholico	
1.º vol. quaesma de 1873	
Existencia de Deus, 1 vol. ....	600
2.º vol. quaesma de 1874	
Ser, perfeições, Vida de Deus, 1 vol. ....	600
3.º vol. quaesma de 1875	
Obra de Deus, 1 vol. ....	600
4.º vol. quaesma de 1876	
Governo de Deus, 1 vol. ....	600
5.º vol. quaesma de 1877	
Preparação da Incarnação, 1 vol.	600
6.º vol. quaesma de 1878	
Existencia e pessoa de Christo, 1 vol. ....	600
7.º vol. quaesma de 1879	
Perfeições de Jesus Christo, 1 vol.	600
8.º vol. quaesma de 1880	
Vida de Jesus Christo, 1 vol. ....	600
9.º vol. quaesma de 1881	
Obra de Jesus Christo, 1 vol. ....	600
10.º vol. quaesma de 1882	
Governo de Jesus Christo, 1 vol.	600
11.º vol. quaesma de 1883	
Sacramentos, Baptismo, Confirmação, 1 vol. ....	600
A verdade, sobre a Questão Romana, por B. O. S., traducção de Fortunato d'Almeida, 1 vol.	600
Resposta ao Livro de Manuel Borges Grainha, pelo Director da «Ordem», 1 vol. ....	300
Harmonia entre a Sciencia e a Fé, pelo Padre Miguel Mór da S. I., traducção do Dr. Antonio Correa de Menezes, 1 vol. ....	600
A Confissão Auricular e as Indulgencias, pelo Dr. L. M. da Silva Ramos, 1 vol. ....	300
Affirmações Catholicas contra os erros d'um Apostata, pelo Dr. L. M. da Silva Ramos, 1 vol. ....	400
Palito Metrico, por Antonio Duarte Ferrão, 1 vol. ....	500
Guerra sem Quartel, de D. Ceserino Suarez Bravo, 1 vol. ....	200

Todas estas obras se vendem na administração do «Progresso Catholico», rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.